

EXPORTAÇÕES DO SETOR AGROPECUÁRIO NO PRIMEIRO TRIMESTRE DE 1989 E O DESEMPENHO DO SETOR DE PAPEL-CELULOSE⁽¹⁾

Geni Satiko Sato⁽²⁾

1 - EXPORTAÇÕES DO SETOR AGROPECUÁRIO NO PRIMEIRO TRIMESTRE DE 1989

Os resultados das exportações brasileiras no primeiro trimestre de 1989 foram positivos, mesmo diante das políticas de contenção de crédito para o setor. Em relação ao mesmo período de 1988 houve variação de 17,32% no geral e 2,73% para o setor agropecuário e derivados (quadro 1). Nesse setor apresentaram crescimento do valor, entre outros, os seguintes produtos: café (7,76%), complexo soja (75,14%), produtos da avicultura (30,23%), produtos da pesca (17,65%), óleo de mamona (7,14%), fumo em folhas (10,26%), açúcar cristal (16,67%), papel (21,43%) e calçados de couro, partes e botinas (4,34%). Dentre esses produtos somente alguns apresentaram aumento na sua participação relativa: café industrializado (8,32%), farelo de soja (52,31%), soja em grão (127,29%), óleo em bruto de soja (113,08%), papel (3,50%), produtos da avicultura (11,00%) e calçados de couro, partes e botinas (4,17%). Alguns produtos tradicionais continuaram a manter tendência de decréscimo no valor arrecadado: cacau e derivados (-25,41%), açúcar e derivados (-42,35%) e algodão (-8,84%).

No caso do suco concentrado de laranja, atribuí-se queda no valor das exportações a um período de ajuste das cotações. Os dois últimos anos foram considerados atípicos, pois os preços atingiram valores muito altos.

A partir de abril, observa-se redução no valor exportado (-14,51%) em relação ao mesmo mês de 1988, justificada em boa parte pela queda das exportações de café de US\$215 milhões para US\$76 milhões e pela greve dos portuários ocorrida no período.

As cotações do café em grão, a partir de abril, mantiveram tendência de baixa devido à indefinição da Organização Internacional do Café (OIC) com relação ao novo acordo que deverá ser firmado em setembro próximo, quanto às regras de comercialização entre países produtores e compradores e à distribuição das cotas entre os produtores. A posição do Instituto Brasileiro do Café (IBC), tomada recentemente, é de livre mercado. Isso, provavelmente, refletir-se-á em instabilidade dos preços internacionais.

1.1 - Destino das Exportações

Do total de divisas arrecadado pelo Brasil através das exportações no período de janeiro a março, 26,98% foram provenientes da Comunidade Econômica Européia (CEE), superando os Estados Unidos que ficaram com participação de 23,73%. Outro mercado que vem apresentando sinais de crescimento para os produtos brasileiros, é o asiático. Esses resultados são reflexos do crescimento econômico dos países europeus e asiáticos nos últimos anos.

1.2 - Panorama Internacional

Em abril, algumas definições foram estabelecidas no Acordo Geral de Tarifas e Comércio (GATT), relativas aos produtos agrícolas. Ficou firmado que seus membros não poderão elevar os preços administrados desses produtos, os subsídios à exportação e produção ou aumentar o nível das tarifas e das barreiras não alfandegárias até o final do ano. Em dezembro, deverão apresentar suas propostas para reforma de suas políticas agrícolas, visando sua liberalização. Para o Brasil, essas definições foram importantes, na medida em que abrem possibili-

⁽¹⁾ Recebido em 01/08/89. Liberado para publicação em 25/08/89.

⁽²⁾ Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola (IEA).

QUADRO 1. - Valor das Exportações Brasileiras dos Principais Produtos da Agropecuária e Derivados, 1988-89

Item	Jan./mar. 1988		Jan./mar. 1989		Variação (%)	
	Valor (US\$ milhão FOB)	Participação (%)	Valor (US\$ milhão FOB)	Participação (%)	Do Valor	Da participação relativa
	(a)	(b)	(c)	(d)	(c)/(a) (e)	(d)/(b) (f)
1. Café	541	8,09	583	7,43	7,76	-8,15
Cru, em grãos	493	7,37	522	6,65	5,88	-9,75
Industrializado	48	0,72	61	0,78	27,08	8,32
2. Soja	185	2,77	324	4,13	75,14	49,27
Farelo	169	2,53	302	3,85	78,70	52,31
Em grãos	3	0,04	8	0,10	166,67	127,29
Óleo em bruto	2	0,03	5	0,06	150,00	113,08
Óleo refinado	11	0,16	9	0,11	-18,18	-30,26
3. Cacau	122	1,82	91	1,16	-25,41	-36,42
Em amêndoas, cru	45	0,67	38	0,48	-15,56	-28,02
Manteiga, incl. gord. e óleo	51	0,76	31	0,39	-39,22	-48,19
Pasta refinada	26	0,39	22	0,28	-15,38	-27,88
4. Açúcar	85	1,27	49	0,62	-42,35	-50,87
Demerara	39	0,58	6	0,08	-84,62	-86,89
Cristal	12	0,18	14	0,18	16,67	-0,56
Refinado	34	0,51	29	0,37	-14,71	-27,30
5. Algodão	147	2,20	134	1,71	-8,84	-22,30
Óleo refinado	0	0,00	2	0,03	-	-
Não cardado nem penteado	10	0,15	11	0,14	10,00	-6,24
Fios	55	0,82	43	0,55	-21,82	-33,36
Roupas de cama e mesa	41	0,61	38	0,48	-7,32	-21,00
Tecidos	41	0,61	40	0,51	-2,44	-16,85
6. Laranja	274	4,10	256	3,26	-6,57	-20,37
Suco concentrado	259	3,87	244	3,11	-5,79	-19,70
Farelo de polpa cítrica	15	0,22	12	0,15	-20,00	-31,81
7. Madeira	414	6,19	406	5,17	-1,93	-16,41
Madeira, serrada e trabalhada	111	1,66	102	1,30	-8,11	-21,68
Pasta química	149	2,23	117	1,49	-21,48	-33,07
Papel	154	2,30	187	2,38	21,43	3,50
8. Produtos da pecuária	507	7,58	506	6,45	-0,20	-14,93
Carne bovina fresca, cong.	87	1,30	49	0,62	-43,68	-51,99
Carne bovina ind.	61	0,91	53	0,68	-13,11	-25,94
Peles e couros curt. bov.	80	1,20	63	0,80	-21,25	-32,88
Calçados de couro, partes e botinas	279	4,17	341	4,34	22,22	4,17
9. Produtos da avicultura	43	0,64	56	0,71	30,23	11,00
10. Produtos da pesca	17	0,25	20	0,25	17,65	0,28
11. Castanha de caju	30	0,45	28	0,36	-6,67	-20,45
12. Pimenta em grão	21	0,31	16	0,20	-23,81	-35,06
13. Óleo de mamona refinado	14	0,21	15	0,19	7,14	-8,68
14. Fumo em folhas	39	0,58	43	0,55	10,26	-6,02
15. Sisal	31	0,46	29	0,37	-6,45	-20,27
16. Outros	124	1,85	111	1,41	-10,48	-23,70
Subtotal produtos da agropecuária	2.596	38,80	2.667	33,98	2,73	-12,44
Total Geral	6.690	100,00	7.849	100,00	17,32	0,00

Fonte: Elaborado a partir de dados básicos da Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil S.A. (CACEX).

lidades de mercado para as exportações brasileiras. A manutenção dos subsídios nos níveis atuais, já bastante altos, é suficiente para dificultar a competição dos produtos brasileiros.

Algumas medidas de redução de tarifas de importação de produtos tropicais, estabelecidas no GATT, já estão sendo implementadas. O Japão, desde o início de abril, reduziu a tarifa de café em grão de 20% para 10%, a do café solúvel de 14% para 7% e a do cacau em pó de 15% para 10%. A Comunidade Econômica Européia (CEE) também tomará medidas nesse sentido durante este ano. Isso se refletirá de modo positivo no setor exportador brasileiro de produtos agropecuários e derivados, que participa com aproximadamente um terço do total arrecadado e vem apresentando ano a ano decréscimo em sua participação.

1.3 - Situação Interna

A nível interno, em junho, o setor produtor de soja em todo o Brasil paralisou a comercialização do produto, visando pressionar o Governo a adotar o dólar-exportação. Os produtores alegaram que o preço interno por saca de grão estava abaixo do custo. Os preços externos, muito baixos, atrasaram a comercialização, tendo as indústrias esmagado, de fevereiro a abril, 22,4% menos que em igual período do ano anterior. Com a desvalorização do cruzado novo em 11,98% no final de junho, o setor retornou as suas atividades normais.

2 - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O DESEMPENHO DO SETOR DE PAPEL E CELULOSE

O setor de papel e celulose é um dos que tem conseguido manter seu crescimento a despeito do quadro de dificuldades por que tem passado a economia brasileira desde 1983. Esse desempenho deve-se parcialmente ao fato de o setor ter conquistado uma fatia do mercado internacional, compensando a retração do merca-

do interno.

A aceitação mundial dos produtos brasileiros desse setor foi viabilizada com o início da produção de celulose de fibra curta branqueada de eucalipto, utilizada na fabricação de papéis de alta qualidade. Atualmente, essa celulose está cotada entre as melhores e mais caras produzidas no mundo.

No quadro das exportações brasileiras em 1988, entre os setores agroindustriais que vêm se destacando tais como, o da soja e o de suco concentrado de laranja, o setor de papel e celulose apresentou resultados expressivos. Sua receita ficou em torno de US\$1,39 bilhão, contribuindo com 4,12% no total arrecadado nas exportações. As taxas de crescimento relativamente ao ano anterior foram de 56,85% para pasta química (celulose) e 76,94% para papel em geral⁽³⁾.

Os grandes fabricantes de celulose no Brasil estão exportando cerca de 70% a 75% da sua produção estimulados pelos preços do mercado externo que têm se mantido acima do mercado interno e pela crescente aceitação do produto no exterior (quadro 2). O setor de papel e celulose pretende investir cerca de US\$ 9 bilhões na produção até 1995. O segmento que mais investe é o de celulose, com cerca de US\$6,35 bilhões. Segue-se o de papel com US\$1,8 bilhão e os produtores de pasta mecânica e termomecânica⁽⁴⁾ com US\$635 milhões. O preço médio da celulose no mercado externo se elevou de US\$690/t em 1988 para US\$750/t em 1989⁽⁵⁾. No primeiro trimestre de 1989, a mão-de-obra empregada no setor apresentou taxas positivas de crescimento de 1,3% em janeiro, 3,1% em fevereiro e 3,6% em março⁽⁶⁾.

Segundo a Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose, o destino das exportações em valor do segmento de papel no ano de 1987 foi: 33,3% para Europa, 21,1% para a Ásia e Oceania, 11,0% para a América do Norte, 24,6% para a América Latina e 10% para a África. Na Europa, os principais países compradores são Reino Unido, Itália e Alemanha Ociden-

⁽³⁾ Informações Econômicas, São Paulo, v.19, n.3, 1989.

⁽⁴⁾ Pasta mecânica é a pasta de madeira obtida por processo puramente mecânico, podendo ou não ser branqueada. A pasta termomecânica é obtida após a remoção de lignina.

⁽⁵⁾ Folha de São Paulo, São Paulo, 30 mar. 1989. Caderno Porto Folha.

⁽⁶⁾ Dados da Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose (ANFPC).

tal. Em 1988, esse segmento enfrentou retaliações do mercado americano. Alegando prática injusta de comércio, os Estados Unidos sobretaxaram uma série de produtos brasileiros, entre os quais papel e similares, através da abertura da Ação 301 contra o Brasil por não dar proteção adequada a patentes de produtos farmacêuticos e de química fina (alimentos). O objetivo maior do governo americano é ver aprovado no GATT, um código para exportação de serviços e para propriedade intelectual. No

entanto, a abertura do mercado japonês evitou que as exportações brasileiras fossem prejudicadas.

O segmento de celulose em termos de valor exporta principalmente para Europa (37,3%), América do Norte (29,7%), Ásia e Oceania (25,5%) e África (0,3%). Na Europa destaca-se Bélgica-Luxemburgo com 28,2% do valor total exportado. Na Ásia, o principal comprador é o Japão com 23,4%; na América do Norte, os Estados Unidos com 28,9%.

QUADRO 2. - Preços⁽¹⁾ de Papel e Celulose nos Mercados Interno e Externo, Brasil, 1989

(em US\$/t)

Produto	Interno	Externo
Fibra de celulose		
Curta branqueada	438	780
Longa branqueada	509	800
Longa não branqueada	-	660
Papel		
De imprimir e escrever	780	1.050
Cartão para embalagem duplex	668	800
Cartão para embalagem branca	680	1.000
Jornal	545	650
Kraftliner (ondulado)	373	550
Kraft (saco de papel)	427	480
Papéis sanitários	900	800/1.200
Reciclagem		
Aparas de papelão ondulado	90	80
Aparas brancas.	270	350

(¹) Os preços são FOB-fábrica, para pagamento à vista e sem ICMS.

Fonte: Fabricantes nacionais e jornal Gazeta Mercantil de 31/05/89.